

COLÓQUIO INTERNACIONAL

IDENTIDADES CROMÁTICAS

CORES, CULTURAS, TERRITÓRIOS E CRIAÇÕES

16 — 19 DE ABRIL DE 2027

Monastir, Tunísia

Instituto Superior de Moda de Monastir

Simpósio Internacional "ENC COLOR LAB" 2ª Edição Identidades cromáticas Cores, culturas, territórios e criações



As cores estão na luz, no olho, nos objetos, no cérebro?

— Hervé Fischer, 2024

Esta questão ressalta, desde logo, a complexidade filosófica, científica e antropológica da cor, que, há séculos, constitui um elemento fundamental na construção das identidades culturais, artísticas, patrimoniais e sociais, bem como na elaboração dos imaginários, dos saberes e das práticas. Ela ultrapassa assim a abordagem estritamente científica (I. Newton) e abre as dimensões perceptivas para se tornar um verdadeiro vetor de sentido, tocando a emoção ou o espiritual (J. Wolfgang von Goethe, Tratado das cores; W. Kandinsky, Do espiritual na arte), a memória (M. Pastoureau) e a representação simbólica ou mítica (R. Barthes, Mitologias; U. Eco, História da beleza; H. Fischer, Metanálise da cor). Além disso, o reconhecimento sociológico da cor mostra-se incontornável. P. Bourdieu evidencia a importância da cultura, da educação e da socialização na formação do «capital cultural» (1979), existente sob três formas: «[...] sob a forma de disposições duráveis do organismo, [...] sob a forma de bens culturais [...] sob a forma de objetivação que é preciso distinguir» (Ibid.). Segundo o autor, o capital cultural, entendido como um conjunto de saberes e competências que estruturam as práticas e as percepções dos indivíduos, está ligado «ao corpo e supõe a incorporação».

Nessa perspectiva, a cor pode ser encarada como um «fato cultural total» (Mauss, 1950), mobilizando dimensões científicas, estéticas, sociais e geopolíticas. O estudo da cor vai além da mera abordagem sociológica. Para Pastoureau, as cores podem ser compreendidas como «construções culturais evolutivas» cujo significado varia conforme os contextos históricos, sociais e geográficos. Ele insiste na necessidade de legitimar esse campo de estudos ao lembrar que «a história das cores não era vã, nem fútil, nem imoral» (M. Pastoureau, 2017), sublinhando, assim, que o estudo de seus significados ao longo dos séculos «não tinha nada de esotérico». A cor não tem apenas uma história: ela carrega a história e, com ela, sem dúvida, uma dada sociedade, aquilo que a atravessa e a transtorna, suas mutações, suas resistências, suas porosidades com outras esferas culturais, sua complexidade e, talvez também, seus paradoxos, as diferentes abordagens (científicas ou não) que buscam pensá-la, os conjuntos humanos que a compõem, os usos e modos de vida. Poderia, então, a cor, assim contextualizada, ser encarada como um marcador de identidades?

artes cores cultura fabricação fronteiras emoção estética experimentação gamas identidades percepção metanálise
paleta pigmentos sensação espacialidades território usos

A NOÇÃO DE IDENTIDADE CROMÁTICA

Cromático, córico: da matéria à sensação

Em suas C.L.O.M (Contra a Ordem Moral), o artista contemporâneo Joël Hubaut questiona a utilização de uma cor específica: propõe, ao contrário, instalações compósitas de objetos e pessoas em torno da cor, declinada em toda a sua diversidade. Ao fazê-lo, retrata tanto a sociedade de consumo em massa quanto, sem dúvida, o mundo da arte. Suas C.L.O.M. são aqui dessacralizadas, à imagem de nossas práticas societárias e sociais que elas reinventam. Ao criticar a dimensão identitária da cor monocromática, Joël Hubaut faz emergir conjuntos plurais de identidades cromáticas possíveis. Ora, estes se apoiam na recepção do público, que vai até a participação ativa nas obras de Hubaut, mas que, ao menos, sem essa dimensão, pode fundamentar-se em sua percepção sensível.

É na recepção do público que podemos compreender a noção de identidade cromática. Com efeito, o adjetivo cromático indica a cor como sensação, diferentemente do adjetivo córico, que especifica a cor como matéria colorida, segundo Manlio Brusatin (1986). Assim, o termo cromático remete aos «fenômenos da percepção e da sugestão, sem tentar distinguir, no fluxo das cores, o que percebe do que é percebido» (Brusatin, 1986, p. 27). O termo identidade cromática não remete ao conjunto de materiais utilizados por um artista para criar sua obra e que constituem sua «paleta», mas à paleta tal como percebida, recebida pela emoção que ela proporciona. Trata-se, então, antes da «gama» tocada por um conjunto cultural dado, segundo os imaginários que ela alimenta: as cores, segundo Hervé Fischer (2023), são as de nossos mitos.

Além disso, as cores conjugam dimensões subjetivas e culturais, como já observava Michel Pastoureau (1992). Parece que o coletivo (por meio de seus imaginários sociais) condiciona nossa percepção subjetiva: «Não existe olho "inocente" ou "puro" que registraria uma percepção de cor ela mesma "objetiva" ou "natural" ou "universal"» (Fischer, 2023, p. 23). Isso significaria que a identidade cromática de uma criação (pictórica ou, no campo mais amplo das artes plásticas, do vestuário ou, de modo mais geral, da produção têxtil, arquitetônica ou ambiental, por exemplo) permitiria identificar o posicionamento (ideológico, político, social) segundo o imaginário que ela constrói de si mesma, conforme o pensamento de Fischer e o de Castoriadis? Poderíamos, por outro lado, evocar uma identidade cromática *evolutiva* no cerne da prática artística — uma identidade que coloca em jogo a evolução, tanto da experiência subjetiva quanto da lógica objetiva do uso da cor (Itten, 2018)? De modo mais amplo, é possível determinar uma identidade cromática por nossos usos ou não usos, bem como pela ideia perceptiva e emocional que deles fazemos? «Existe uma identidade cromática do espaço, da cidade?» (Gaillard, 2020). Como ela se coordena (ou se desajusta) com as escolhas ou tabelas cromáticas aplicadas (como as do ateliê França e de Michel Cler, por exemplo)? Pode-se voltar a falar em «paleta da cidade» (Lecerf, 2000)? Qual é o acordo ou, ao contrário, a resistência às tendências emergentes identificadas pela Pantone sob a bandeira de uma cor do ano e adotadas pelas indústrias da moda e do design («Clowd Dancer» para 2026)? Pode-se não apenas qualificar, mas também explorar a «identidade» de uma cor?

Seis tensões conceituais

cromático / córico

matéria / sensação

paleta / gama

percepção / cultura

individual / coletivo

território / globalização

RUMO A QUATRO TERRITÓRIOS CROMÁTICOS

Propomos interrogar as identidades cromáticas, remontando à origem dos usos das cores em suas dimensões culturais, identificando para elas territórios e suas fronteiras, explorando, no cerne de sua recepção, o que se joga em sua fabricação, seja em estudo científico, em consideração social, ou em criação artística dos conjuntos cromáticos considerados, segundo uma disciplina específica ou uma abordagem pluridisciplinar. Os questionamentos propostos são indicativos e visam incentivar o desenvolvimento de problemáticas fundamentadas em exemplos precisos.

O colóquio propõe quatro eixos que permitem interrogar as identidades cromáticas em suas dimensões culturais, artísticas, territoriais e materiais.

OS QUATRO EIXOS

01

As identidades culturais pelos usos das cores

02

Identidades cromáticas e estéticas no campo das artes plásticas

03

Identidades cromáticas e espacialidades: repensar os territórios pela cor

04

Fabricação e emoção: no cruzamento das materialidades e das significações

01

EIXO 1

As identidades culturais pelos usos das cores

O uso da cor incide aqui sobre elementos que vão além da mera materialidade e sugerem identidades culturais. Se cada cor requalifica um espaço e uma história, remete a um patrimônio, a uma herança, a uma identidade e a uma cultura, quais seriam, então, os protocolos de uso? Quais serão as condições e os elementos da percepção e da leitura das obras?

Tal uso, que implica a referência e dita o uso da cor, seria indispensável hoje para reinventar a cor dentro e fora de contextos?

As cores participam, entre outros aspectos, da construção e da transformação das identidades culturais. Elas inscrevem sistemas de signos em contextos históricos, sociais, religiosos, políticos e simbólicos que constituem verdadeiras «construções culturais» (Pastoureau, 2017). Seus significados e usos variam segundo as sociedades e as épocas, contribuindo, assim, para estruturar as representações coletivas, expressar os pertencimentos sociais e culturais, distinguir os grupos, transmitir heranças e moldar as memórias individuais e coletivas do Homem. Essa dimensão simbólica é reforçada pela «metanálise da cor» desenvolvida por Hervé Fischer, que sublinha que «os sistemas cromáticos e seus usos sociais sempre foram estritamente codificados e sancionados em todas as épocas e em todas as sociedades pelos poderes animistas, religiosos, políticos, e hoje capitalistas e digitais» (2024).

Em que medida as cores podem ser compreendidas como marcadores identitários? Como participam da construção dos vetores de memória e de patrimônio cultural? Como se transformam, se reapropriam ou se reinventam em contextos de globalização e de hibridação cultural?

02

EIXO 2

Identidades cromáticas e estéticas no campo das artes plásticas

Se reconhecemos a mão de um artista por seu estilo ou por sua paleta, não obstante as explorações que ele conduz por meio de «períodos» em sua criação, podemos identificar comunidades estilísticas e cromáticas que não sejam necessariamente sobreponíveis a «movimentos artísticos» ou a «grupos de artistas» já identificados pela história da arte? Nos domínios da arte e do design, em que medida se pode falar de identidades cromáticas e quais impactos estéticos estas poderiam gerar? Se a cor ultrapassa o processo formal da percepção visual, transpondo-se em um conceito capaz de enriquecer o vocabulário estético e os dispositivos de mediação, poderia ela, então, gerar novos condicionamentos à recepção e à percepção da obra de arte (experiência sensível, cognitiva e cultural)? Como os textos, as entrevistas, os testemunhos ou ainda as citações de artistas permitem identificar os significados e os modos de apropriação associados a essas experiências cromáticas conceituais? Em que medida as modalidades de eco criação, acompanhadas de indicações programáticas, poderiam modificar nossas apreensões de gamas culturalmente integradas?

«Apreendida como exemplo qualitativo» ou «tratada como modo genérico do aparecimento fenomenal das coisas» (Wunenburger, 2024), a cor constitui uma experiência estética capaz de revelar imaginários coletivos, formas de pertencimento e modalidades singulares de habitar o espaço plástico visual. Em que medida o processo de criação molda essa experiência?

03

EIXO 3

Identities cromáticas e espacialidades: repensar os territórios pela cor

Este eixo examina a cor como um poderoso vetor de identidade territorial. Seja reforçando um enraizamento territorial, seja marcando uma ruptura com ele, a cor traça, ao mesmo tempo, os limites visíveis e invisíveis de um espaço. Apoiando-se no conceito de «espacialidade», compreendido como a dimensão espacial das ações sociais e a maneira como os indivíduos interagem com os espaços, trata-se de analisar como as culturas forjam identidades cromáticas singulares ou plurais. Uma vez que o espaço é moldado pelas relações sociais e veicula experiências sensíveis vividas, a cor é um marcador de pertencimento. A «geografia da cor» é um conceito internacionalmente reconhecido, desenvolvido por Jean-Philippe Lenclos e Dominique Lenclos (Lenclos & Lenclos, 1995). Ela examina a interação entre os materiais locais, como a geologia e o clima, e o ambiente construído, como as tradições culturais, a fim de revelar a identidade cromática de um habitat ou de um espaço específico. Em contextos urbanos, a cor é um conceito cultural dinâmico em constante transformação. Seu significado, sua produção e sua visibilidade podem, de fato, mudar radicalmente ao longo do tempo, refletindo a identidade cromática evolutiva das sociedades. Como a cor define a integração em um espaço habitado ou a tensão com ele, e como participa da construção ou da dissolução das identidades territoriais?

04

EIXO 4

Fabricação e emoção: no cruzamento das materialidades e das significações

A cor não se reduz a um dado estritamente óptico e constitui um meio em constante expansão, cuja fabricação é um processo de transformação química, técnica e sensível, que molda, ao mesmo tempo, seu potencial simbólico e os usos que dela fazem as sociedades. Pigmentos naturais ou sintéticos, materiais corantes, dispositivos digitais: a diversidade de suportes e de técnicas de produção da cor dá origem a experiências cromáticas cujas dimensões emocionais, simbólicas e estéticas extrapolam os quadros clássicos da percepção e da recepção.

Pensar a fabricação da cor também é interrogar sua dimensão ecológica. Entre extração, síntese e reciclagem, os processos de tingimento, pigmentação e coloração mobilizam recursos, saberes-fazer e responsabilidades ambientais. O surgimento de corantes de base biológica, de tinturas de baixo impacto e de novas tecnologias de coloração (Guerry & Diaz, 2025) convida a repensar a cor como um gesto de criação ao mesmo tempo experimental e ecológico, no qual a inovação material redefine as relações entre criadores, matérias, suportes e meios.

Ao examinar as técnicas e os materiais da cor, as dimensões emocionais e sensoriais das experiências cromáticas na moda e no têxtil, os processos de criação, de fabricação e de ecodesign, as práticas artísticas e de design, quais são as transformações contemporâneas das materialidades coloridas na era digital, biotecnológica e ecológica? Em que medida os modos de fabricação, transformação e mediação da cor reconfiguram nossas experiências perceptivas e afetivas no campo da moda e do têxtil? Como as práticas de criação cromática renovam a relação entre matéria e emoção? Que práticas artísticas contemporâneas permitem recuperar uma experiência sensorial, afetiva e encarnada da cor?

Quais são as implicações daí decorrentes para as escolhas cromáticas, entre a herança artesanal, a inovação industrial e a responsabilidade ecológica?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia indicativa

- Barthes, R. (1957). *Mythologies*. Paris : Seuil.
- Bourdieu, P. (1979). Les trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 30, 3-6.
<https://doi.org/10.3406/arss.1979.2654>
- Brusatin, M. (1986). *Histoire des couleurs*. Paris : Flammarion.
- Castoriadis, C. (1975). *L'institution imaginaire de la société*. Paris : Seuil.
- Eco, U. (2004). *Histoire de la beauté*. Paris : Flammarion.
- Fischer, H. (2023). *Mythanalyse de la couleur*. Paris : Gallimard.
- Fischer, H. (2024). « Les couleurs du monde sont celles de nos mythes ». *Encyclopédie numérique des couleurs*.
<https://encyclopedienumeriquedescouleurs.com/mythanalyse-de-la-couleur-les-couleurs-du-monde-sont-celles-de-nos-mythes/>
- Fritz, C. (dir.). (2017). *L'art de la Préhistoire*. Paris : Citadelles & Mazenod.
- Gaillard, A. (dir.). (2020). *Couleurs et identités à l'époque des Lumières*. *Lumières*, 36. Presses Universitaires de Bordeaux.
- Guerry, E., & Diaz, L. (2025). « Colorants biosourcés pour une industrie de la couleur textile plus verte : cas de la synthèse enzymatique Pili © ». *Technologie et Innovations*, 10 (1).
<https://doi.org/10.21494/ISTE.OP.2025.1245>
- Goethe, J. W. von. (1996). *Traité des couleurs*. Paris : Triades.
- Itten, J. (2018). *Art de la couleur : approche subjective et description objective de l'art*. Paris : Dessain et Tolra
- Kandinsky, W. (1989). *Du spirituel dans l'art et dans la peinture en particulier*. Paris : Denoël.
- Lecerf, G. (2000). « Culture de la couleur et territoires. Toulouse-Tétouan : notes sur les tensions entre modèles chromatiques ». *Horizons Maghrébins — Le droit à la mémoire*, 42, 107-117.
- Lenclos, J.-P., & Lenclos, D. (1995). *Les Couleurs de l'Europe : Géographie de la couleur*. Paris : Éditions du Moniteur.
- Lévy, J., & Lussault, M. (dir.). (2013). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris : Belin.
- Mauss, M. (1950). *Sociologie et anthropologie*. Paris : Presses Universitaires de France.
- Morizot, B. (2025). *Le regard perdu. À l'origine de l'art pariétal animal*. Arles : Actes Sud.
- Lussault, M. (2007). *L'Homme spatial. La construction sociale de l'espace humain*. Paris : Seuil.
- Pastoreau, M. (1992). *Dictionnaire des couleurs de notre temps. Symbolique et société*. Paris : Bonneton.
- Pastoreau, M., & Gruet, B. (2017). « Michel Pastoreau et l'imaginaire des couleurs ». *La Géographie*, 1567 (4), 12-15.
<https://doi.org/10.3917/geo.1567.0012>
- Wunenburger, J.-J. (2024). « Problèmes philosophiques de la couleur ». *Encyclopédie numérique des couleurs*.
<https://encyclopedienumeriquedescouleurs.com/problemes-philosophiques-de-la-couleur/>

CHAMADA DE COMUNICAÇÕES

MODALIDADES DE SUBMISSÃO

de comunicações e posters

A apresentação poderá ser a de um(a) pesquisador(a) que trabalha com uma técnica precisa ou com uma área cultural particular, a de um(a) artista-pesquisador(a) sobre sua própria prática, ou ainda a de um(a) teórico(a) e de um(a) artista associados em uma pesquisa que verse sobre a criação do segundo. Deverá fundamentar-se em um corpus, um campo de estudo e exemplos precisos. Recomenda-se fortemente que o estudo incida sobre uma (ou várias, no caso de uma paleta) cor(es) precisa(s), identificada(s) e medida(s), determinada(s) segundo seu código hexadecimal:<https://encycolorpedia.fr/> Toda utilização de aparelhos de medição de cor (por exemplo, colorímetro ou espectrocolorímetro) deve ser identificada no texto.

Um workshop dedicado aos métodos de medição das cores e à utilização de aparelhos de colorimetria complementar o programa científico.

Cada proposta deverá incluir:



Resumo

800 palavras no máximo — incluindo título, cinco palavras-chave e referências bibliográficas. Problemática, corpus ou materiais mobilizados, metodologia, resultados esperados ou perspectivas de pesquisa.



Identidade do/a autor(a)

Nome, sobrenome, cargo ou função, instituição de vinculação, endereço eletrônico e uma biografia de no máximo 200 palavras.



Eixo temático

Indicação do eixo entre os quatro propostos — 1, 2, 3 ou 4.

DATA LIMITE DE SUBMISSÃO

10 DE OUTUBRO DE 2026

<https://enccolorlab.sciencesconf.org>

enc@usf.tn

As propostas de comunicação deverão ser submetidas até **10 de outubro de 2026**, na plataforma do colóquio (após a criação de uma conta) e por meio de envio eletrônico (enc@usf.tn). As apresentações em uma língua diferente do francês contarão com legendas automáticas em francês durante a transmissão.

Além de uma versão longa para a publicação de textos resultantes das comunicações (**atas ou obra coletiva**), as comunicações poderão ser objeto de **artigos curtos para a Enciclopédia digital das cores (ENC)**, mediante solicitação da direção da ENC, relacionando-se principalmente com o eixo de pesquisa Artes e Criação, mas podendo também vincular-se ao eixo Técnica e Ciência, ao eixo Antropologia, História, Cultura, ao eixo Linguística, Literatura, Comunicação, ao eixo Estética, Psicologia, Filosofia, ou ao eixo Espacialidades e Cor.

CALENDÁRIO E ORGANIZAÇÃO

Avaliação



Duplo-cego

As propostas serão avaliadas em duplo-cego. Os(as) autores(as) serão informados(as) da aceitação ou recusa de sua proposta em 10 de novembro de 2026.

Informações práticas



Datas e local

O colóquio ocorrerá de 16 a 19 de abril de 2027 no Instituto Superior de Moda de Monastir, Universidade de Monastir.



Estadia

As despesas de deslocamento e estadia (hospedagem e alimentação) ficam a cargo dos(as) participantes. As modalidades de reserva e as tarifas preferenciais negociadas com um hotel de Monastir serão comunicadas posteriormente.



Programa cultural

Uma exposição artística e um programa cultural acompanharão o colóquio. Poderá ser solicitada aos(as) participantes uma participação nas atividades associadas. Está previsto que parte do colóquio ocorra no museu de El Jem, onde seria realizada uma visita científica, além de possivelmente outras apresentações patrimoniais capazes de enriquecer os intercâmbios científicos.

COMITÊ CIENTÍFICO

Becheras, Elodie Professora (MCF), Diretora do Instituto Superior Cor Imagem Design, Universidade Toulouse 2 — Jean Jaurès

Ben Ameer, Fetah Professor(a), Universidade de Sfax, Tunísia

Ben Ameer, Sami Professor(a) Emérito(a), Universidade de Túnis, Tunísia

Ben Henda, Mokhtar Professor(a) Associado(a) (HDR), Universidade Bordeaux Montaigne, França

Bchir, Sami Professor(a) Associado(a) (HDR), Universidade de Sousse, Tunísia

Bida, Habib Professor(a) Emérito(a), Universidade de Túnis, Tunísia

Bouattour, Mohamed Professor(a), Universidade de Sfax, Tunísia

Boukhenoune, Miloud, Professor(a) Associado(a), Universidade Oran 1 Ahmed Ben Bella, Argélia.

Caumon, Céline Professor(a), Universidade Toulouse Jean Jaurès, França

Château, Dominique Professor(a) Emérito(a), Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, França

Collet, Laurent Professor(a), Universidade de Montpellier, França

Djerbi, Mohamed Professor(a), Universidade de Sfax, Tunísia

Dupont, Jérôme Professor(a) Associado(a) (HDR), Universidade de Nîmes, França

Duarte, Aninha Professor(a), Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

França-Huchet, Patricia Professor(a), Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gaillard, Aurélia Professor(a), Universidade Bordeaux Montaigne, França

Ghodhbane, Mofida Professor(a), Universidade de Túnis, Tunísia

Giannotti, Marco Professor(a) Associado(a), Universidade de São Paulo, Brasil

Hussein, Faten Professor(a) Associado(a), Universidade de Cartago, Tunísia

Ladhari, Neji Professor(a), Universidade de Monastir, Tunísia

Lafargue, Bernard Professor(a) Emérito(a), Universidade Bordeaux Montaigne, França

Moreira, Camila Professor(a), Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Müller, Susanne Professor(a) Associado(a), Universidade de Lorraine, França

Nannipieri, Olivier Professor(a)

Noy, Claire Professor(a), Universidade de Montpellier, França

Schindler, Verena M. Presidente do ECD, AIC — Associação Internacional da Cor, Suíça

Szoniecky, Samuel Professor(a) Associado(a), Universidade Paris 8, França

Triki, Mounir Professor(a), Universidade de Sfax, Tunísia

Vilela, Andréa de Paula Xavier, Professor(a), Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Wali, Ali Professor(a), Universidade de Sfax, Tunísia

Wunenburger, Jean-Jacques Professor(a) Emérito(a), Universidade Jean Moulin Lyon 3, França

COMITÊ DE DIREÇÃO

Croce, Cécile Professor(a), Codiretor(a) do Laboratório de Pesquisa MICA, Universidade Bordeaux Montaigne, França

Ghodhbane, Mofida Professor(a), Diretor(a) da Escola Doutoral de Artes e Cultura, Universidade de Túnis, Tunísia

Hussein, Faten Diretor(a) de Assuntos Acadêmicos, Escola Nacional de Arquitetura e Urbanismo (ENAU), Universidade de Cartago, Tunísia

Jerbi, Mohamed Professor(a), Diretor(a) da Escola Doutoral de Letras, Artes e Humanidades, FLSHS, Universidade de Sfax, Tunísia

Moreira, Camila Professor(a), Diretor(a) da Escola de Belas Artes (EBA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

Safta, Moez Professor(a), Diretor(a) do Instituto Superior de Belas Artes de Túnis, Universidade de Túnis, Tunísia

Schindler, Verena M. Pesquisadora em Cor Ambiental e Especialista Internacional, Presidente do Grupo de Estudos em Design Cromático Ambiental, AIC

Trabelsi, Jihen Diretor(a) do Instituto Superior de Moda de Monastir, Universidade de Monastir, Tunísia

Turki, Ramzi Professor(a) Associado(a) (HDR), Chefe da Unidade de Pesquisa Artes, Design e Novas Tecnologias (ADNT), Laboratório de Pesquisa LLTA, Universidade de Sfax, Tunísia

COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO

Becheikh, Hela Universidade de Túnis, Tunísia

Brunel, Thomas Universidade Bordeaux Montaigne, França

Gargoubi, Sondes Universidade de Monastir, Tunísia

Gharsallah, Wissem Universidade de Túnis, Tunísia

Jaghmoun, Amira Universidade de Monastir, Tunísia

Kanso, Elissar Universidade Paul Valéry Montpellier 3, França

Khadraoui, Awatef Universidade de Monastir, Tunísia

Kraiem, Ahmed Universidade de Monastir, Tunísia

QUADY, Christiane, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Touati, Randa Universidade de Sousse, Tunísia

Valentini, Angéline Universidade Bordeaux Montaigne, França

DIREÇÃO CIENTÍFICA

Croce, Cécile Professor(a), Universidade Bordeaux Montaigne, França

Safta, Moez Professor(a), Universidade de Túnis, Tunísia

Turki, Ramzi Professor(a) Associado(a) (HDR), Universidade de Sfax, Tunísia

INSTITUIÇÕES, PARCEIROS E CONTATO

Instituições organizadoras

- ADNT — Laboratório Linguagem, Letras, Artes e Tecnologias (LLTA), Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares e Comparadas (LERIC) e Escola Doutoral de Letras, Artes e Humanidades; Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Sfax (FLSHS), Universidade de Sfax.
- Unidade de Pesquisa Mediações, Informação, Comunicação, Artes (MICA UR 4426), Universidade Bordeaux Montaigne.
- Escola Doutoral Artes e Cultura e o Instituto Superior de Belas Artes de Túnis (ISBAT).
- Centro de Pesquisa do Desenho Contemporâneo NEDEC e a Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Escola Doutoral Ciências e Engenharia Arquitetônica, e a Escola Nacional de Arquitetura e Urbanismo de Túnis.
- Instituto Superior de Moda de Monastir, Universidade de Monastir.

Parceiros

- Delegação Regional de Cultura de Monastir.
- Grupo de Estudos Environmental Colour Design SG ECD - International Colour Association (SG ECD) da AIC.

Local e formato do evento

Monastir, Tunísia — evento presencial, no local.

CONTATO

enc@usf.tn

<https://enccolorlab.sciencesconf.org>

Enciclopédia digital das cores — encyclopedienumeriquedescouleurs.com

